



BOLETIM INFORMATIVO

SETEMBRO 2010

ANO 3 NÚMERO 33

www.acbmi.org

Os mitos são explicações que, por via de regra, desculpabilizam o homem e, vezes até, transmitem segurança ante a precariedade do real. Um desses mitos, o de Orfeu, diz que este teria recebido a revelação de certos mistérios e os teria confiado a iniciados sob a forma de poemas musicais (refira-se desde já que os órficos acreditavam na imortalidade da alma e na metempsicose). Este é o mito grego, que está na raiz da nossa civilização, mas nas mitologias de todos os povos a música, assim como as demais expressões de arte, foram trazidas aos homens pelos deuses.

Pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito André Luís diz-nos: “Em plena via pública, ouviam-se, tal qual observara à saída, belas melodias atravessando o ar. Notando-me a expressão indagadora, Lísias explicou fraternalmente: essas músicas procedem das oficinas onde trabalham os habitantes de “Nosso Lar”. Após consecutivas observações, reconheceu a Governadoria que a música intensifica o rendimento do serviço, em todos os sectores de esforço construtivo. Desde então, ninguém trabalha em “Nosso Lar” sem esse estímulo de alegria.”

Música é sentimento! Apresenta-se como um sentimento e é comum a toda a humanidade. E quando esse sentimento possui já alguma pureza, ainda que longe de ser sublime, música é a chuva a bater na janela, o vento a assobiar nos beirais, as ondas a quebrarem no areal, a passarada na primavera. É a festa do amor quando nos enamoramos e quando nascem os filhos. É a alegria da caridade. Mas é também a dor da perda

III Festival Espírita de Música "Árias de Mudança"

18.setembro.2010

21:00

Vale de Cambra

Cavatina (Vale de Cambra)

*João Paulo & Filomena Lencastre
(Marinha Grande)*

*Carlota & Sara & Sofia
(Funchal)*

Reinaldo Barros (Olhão)

Nuno Cruz (Lisboa)

*Moacyr Camargo
(S. Paulo – Brasil)*

Auditério ACR (junto ao mercado)

Se existir o milagre, Deus não existe. É tão simples quanto isto.

Milagre, em sentido próprio, é derrogação de uma lei natural, ou divina. Se uma lei pode ser derrogada, não é perfeita; se não é perfeita, não pode ser originária de um ser perfeito. Esse ser imperfeito não é Deus.

Todas as leis naturais podem ser derrogadas, ou apenas algumas. Se apenas algumas, há um ou mais seres imperfeitos que fazem leis naturais que podem ser derrogadas, mas existem algumas outras feitas por um ou mais seres perfeitos que não podem ser derrogadas; existem assim várias potências criadoras - e voltamos ao politeísmo.

Se continuamos no monoteísmo, esse Deus único é imutável e perfeito, pelo que não altera leis naturais (materiais e morais) desde sempre estabelecidas; logo, não há milagres.

Que existem acontecimentos extraordinários, isso é certo. Mas se não existem milagres, uma explicação natural terá de haver. E há-a sempre, o desconhecimento de ela é que leva à crença no milagre. “Conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á”, afiançou o Cristo. Libertar-nos-á também das crenças da ignorância.

O caso das curas. Jesus, o Cristo, garantiu que poderíamos fazer tudo quanto ele fez e muito mais. Ora, o domínio do magnetismo, aliado a elevada moralidade, pode produzir curas extraordinárias. Pode curar-se pelo toque, pelo olhar, pela prece. Pode curar-se pelo sopro. O conhecimento, a vontade, o desinteresse, podem fazer de qualquer pessoa um instrumento curador. Mais do que matéria, somos energia (embora a matéria seja uma variante condensada da energia); o conhecimento das formas de atuação dessas energias e a sua correta manipulação produzem os ditos “milagres” - não esquecendo sempre a obediência suprema à lei de causa e efeito, que impediu que Jesus curasse toda a gente; e a atitude do paciente, que acredita ou não na cura (se acredita, despoleta em si mesmo o mecanismo de auto cura – “a tua fé te salvou”) e que deseja ou não transformar-se (vai e não voltes a pecar para que te não suceda coisa pior).

Não há, portanto, milagres; há desconhecimento que, à medida que diminui, diminui também o espaço do “milagre”. Para que Deus esteja em nosso entendimento no lugar devido.

APS

Um poeta uma vez disse: “George, anda ver o meu país de marinheiros!”. E George foi ver o país de marinheiros e achou-o infinito, porque era ele o universo onde todos os seres apontam ao pólo magnético do Incriado Eterno. E marinhou no grande oceano do pensamento buscando o conhecimento. George maravilhou-se e sentiu-se irmão de tudo quanto fosse gente, teimando em agir para que a sabedoria penetrasse todos os escaninhos da vida. George amou a inteligência e o seu dom e viu nela a manifestação do Espírito e a possibilidade de um império de luz.

George foi apelidado de visionário, mas o que lhe aconteceu foi uma visão do vir-a-ser, futuro em construção pelo qual se apaixonou. E George viveu o seu sonho (que não era mais uma utopia de More ou Huxley) despojado de convenções sociais.

Para George até já a língua portuguesa é pequena, mas se ainda quiserem uma missão para a cultura em ela, construamos o seu domínio com uma base espiritual e sem base em terra, porque a propriedade escraviza e só não ter nos torna livres; tragamos o mundo à Europa, como outrora levamos a Europa ao mundo, sem manias de mando, ambições de ter e de poder. Saibamos ser. Saibamos crer.

Helil não dorme e Portugal, agora que desperta de profundo sono sob o impulso dos imortais, não pode voltar a dormir. Outrora foram os fenícios que destes promontórios partiram para todo o mundo; agora, de todo o mundo (como os do Brasil) os endividados do Cristo aqui se juntam para recolherem de vez a espada e a cruz e a liberdade imperar. Apenas o amor.

George acordou; e de sonhos lúcidos vive.

Evangelho no Lar

01/09 – “Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; mas, quando somos julgados pelo Senhor, Ele corrige-nos, para não sermos condenados com o mundo.” – 1 Cor 12, 31-32

Frequente é examinarmos os outros, não cuidando de fazer um exame de consciência procurando as falhas diárias. Se tivéssemos esta atuação, evitaríamos muitos males a nós próprios e aos outros, o que por sua vez evitaria o julgamento da consciência cósmica. O “conhece-te a ti mesmo” é uma máxima sábia para pôr em prática, pois em conhecendo-nos vemos mais depressa a trave no nosso olho do que o argueiro no olho do vizinho

08/09 – “Meus irmãos, considerai como uma enorme alegria o estardes rodeados de provações de toda a ordem, tendo em conta que a prova a que é submetida a vossa fé produz a constância”. – Tg 1, 2-3

Temos vindo a ouvir dizer que estamos num mundo de provas; se nele nos encontramos é porque se nos tornam necessárias as provas para vencermos vícios e toda a sorte de limitações morais. A fortaleza advém de as enfrentarmos galhardamente, sabendo-as nossas e sabendo que Deus não nos põe fardo superior às nossas forças.

15/09 - «Pai, se quiseres afaste de mim este cálice; contudo não se faça a minha vontade, mas a tua.» - Lc 22, 42

É legítimo que peçamos a Deus o alívio das nossas dores, mas a prova da fé e da confiança que dizemos ter está na aceitação da nossa parte de sofrimento, não caindo na revolta nem na desesperação quando pedindo a Deus o alívio este não acontece. Se de facto acreditamos na sabedoria e na bondade divina, não caímos na tentação de julgar Deus.

22/09 – “Tendo entrado e dançado, a filha de Herodíade agradou a Herodes e aos convidados. O rei disse à jovem: «Pede-me o que quiseres e eu to darei.» - Mc 6, 22

A concupiscência, a lascívia, as paixões em geral, descontrolam a razão e não mais se tem mão sobre a própria vida, podendo este descontrolo emocional e mental afetar gravemente vidas alheias. Depois do mal feito vem o arrependimento, mas melhor fora que não tivéssemos permitido que o instinto se sobrepusesse à razão.

29/09 – “Como vos é possível crer, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único?” – Jo 5, 44

Tudo quanto vem nos evangelhos permanece atual. Até isto mesmo de andarmos à procura da glória uns dos outros. Andamos a exhibir ao mundo o nosso saber, ter e poder, esperando colher-lhe o aplauso, o louvor, o reconhecimento. Mas, de fato, não procuramos o bem, o belo, a verdade, a justiça em si mesmos, que nos daria a glória por parte de Deus

Fala-se hoje, já muito em novas formas de educação dos nossos filhos, baseadas mais na evolução individual e vocações de cada um. Isto não é novo e se tivéssemos estado atentos às verdadeiras leis da vida, já o teríamos feito à muito mais tempo, pois Deus no-lo ensinou através da evolução pela reencarnação. Senão vejamos:

A reencarnação baseia-se na multiplicidade de experiências ocorridas nas diversas existências pelas quais passamos durante o longo caminho que já percorremos como seres individuais. As diversidades dos nosso tempo de crianças, nossas heranças reencarnatórias, experiências emocionais e mentais, ambientes sociais onde vivemos, estruturas sexuais porque passamos, masculinas e femininas, tornam particular cada ser humano, com vocações, tendências, interesses, graus de raciocínio e discernimento, etc.

Como então também aqui na terra educar ou avaliar genericamente, usando o mesmo critério, crianças que receberam uma educação cheia de energia e vida, ensinadas a questionar e criar; a ter curiosidade e admiração pela Natureza; e outras que só vivenciaram discussões, agressões e comportamentos medíocres por entre odores de bebidas alcoólicas e nicotina de cigarros, sem qualquer visão saudável de Deus, ao contrário, com uma visão temerosa, distorcida, adquirida através da crença de um ser ameaçador e temperamental?

Para além disto, também já à muito tempo o eminente psicólogo e pedagogo suíço Jean Piaget; responsável pela teoria de que o desenvolvimento das crianças propicia seu aprendizado, dizia que elas são diferentes entre si, que cada uma tem seu jeito de crescer e de se realizar como indivíduo, e que todos poderíamos ajudá-las nesse crescimento, nunca impondo formas generalizadas e semelhantes para todos.

Piaget ensinava ainda que cada criança pensa e interpreta o mundo com seu peculiar pensamento e com suas possibilidades orgânicas e mentais, quase sempre heterogêneas.

Atualmente, já encontramos modernos métodos pedagógicos que seguem esse raciocínio, levando em conta que cada indivíduo, para assimilar sua realidade de vida, é portador de um processo psicológico de aprendizagem próprio. Cada um recebe de forma diferente os estímulos, descodifica-os e em seguida reelabora-os, formando assim sua individualidade própria.

Hoje todos sabemos que as crianças que estão a nascer, são já portadoras de uma bagagem intelectual muito elevada. Mas se intelectualmente são já muito desenvolvidos, nem sempre moralmente assim é. Pensámos por isso que a maior necessidade neste momento para as novas crianças, é ensiná-las a serem moralmente sadias, e isto deve forçosamente ser iniciado na família para em seguida ser continuado nas escolas, pois sabemos também de alguns casos que foram divulgados de crianças que eram consideradas “prodígio”, pelas suas capacidades intelectuais e conhecimentos, que acabaram por não lhes dar a verdadeira educação, que tinham por dever, deixando, ao bajulá-los por tudo o que faziam, que seguissem sem bases de qualquer comportamento moral e de respeito pelo próximo, rumo a um egoísmo, orgulho e vaidade sem limites, achando-se acima de tudo e de todos. Tudo isto, pode acabar por lhes estragar toda uma vida de oportunidades de grande evolução em que poderiam aproveitar todas as suas capacidades para se aperfeiçoar cada vez mais, para além de poderem dar uma grande colaboração na melhora da própria sociedade em que estavam inseridos. Ficando apenas voltados para o seu próprio umbigo, achando-se superiores e nada aproveitando do que o mundo lhes poderia ensinar, estarão condenando mais uma existência, e quem tinha o dever de ajudá-los na sua educação e não o fez não ficará também impune, pois não cumpriram um dos seus mais importantes deveres.

Deus não castiga nem dá prémios. O nosso sofrimento ou a nossa felicidade são apenas consequência dos nossos atos.

Pensem nisso.

MAIS DO QUE UM LIVRO...

As sensações, as vozes que pareciam vir de lado nenhum; as visões diáfanas de um rosto de beleza incomparável; as imagens fugidias de sombras que assustam e intimidam; os sonhos e os pesadelos... Tantas são as experiências que podem fazer parte das nossas vidas sem atinarmos com o que está, afinal, a acontecer.

Quantas vezes a criança brinca com um amigo invisível ou conta que viu alguém que já deixou o corpo físico? Quantas vezes a premonição de algo que acontece?

Estas e outras sensações envolvem a atenção daqueles que vivem presos à vida material. Pela sua maneira de sentir e viver naturalmente são tocados no seu íntimo por aquilo que ocorre de aparentemente estranho no mundo material. É o mundo invisível (o Mundo dos Espíritos) que se mostra na vida terrena (no mundo material) para que, através da experiência sensorial, o homem mundano perceba que a vida existe para além da matéria.

Mas, há outra forma de se tomar conhecimento desse mundo invisível: há quem o descubra pelos sentimentos. Sim, os sentimentos!

Serão os sentimentos menos reveladores da vida além túmulo que as sensações? Vamos pensar um pouco nalgumas situações.

Pensemos na dor daquele que perdeu um ente querido através da separação pela morte. Pensemos naqueles seres deformados por deficiências físicas e mentais, ainda crianças alguns, outros adultos, e se sente uma compaixão infinita pela provação e dor daqueles seres de tal modo que se questiona o sentido da vida limitado apenas a uma única existência. Pensemos na fome e na guerra, nas vidas de crianças que aparentemente nada fizeram para merecerem vivências tão violentas, tão duras. Pensemos na prostituição infantil.

Quer seja a partir das sensações, quer seja a partir dos sentimentos, é a Inteligência e o Amor que, em interação, abrem o painel das respostas para a compreensão do sentido da Vida. Foi a vivência desta interação que possibilitou a codificação do Livro dos Espíritos.

A 18 de Abril de 1857 nasceu para a Humanidade este livro que veio revolucionar o conhecimento acerca da Vida e abrir a porta à mudança da consciência humana. O esclarecimento acerca da imortalidade da alma e da vida para além da morte, destronando perspectivas mais ou menos fantásticas que não satisfaziam o simples bom senso, trouxe novas esperanças e novas responsabilidades.

Novas esperanças, pois tudo o que ocorre na Terra passou a ter a compreensão da sua transitoriedade. As dores por que passamos ou vemos os outros passarem deixam de ser vistas como obra do acaso e passam a ser compreendidas como a acção da sábia e amorosa Lei de Deus que quer que nós, Seus filhos, descubramos a felicidade e atinjamos a perfeição. Em nós abre-se a esperança de ao deixar o mundo visível encontrarmos aqueles que amamos e que nos amam. Compreendemos que Deus criou-nos simples e ignorantes mas com liberdade no caminho da aprendizagem para a responsabilidade.

Novas responsabilidades, pois ao estudar esta maravilhosa doutrina, conquista-se, gradualmente, consciência das nossas capacidades como seres inteligentes, livres e dotados de vontade, capazes de assumirmos com dignidade o compromisso com a Vida que guardamos na nossa alma. Ficamos a saber que tudo depende de nós e as velhas desculpas mascaradas de fragilidades deixam de ter voz ativa nas nossas decisões.

Assim, a partir de tão grandiosos conhecimentos, surge uma nova forma de nos auto-educarmos para a Vida, não meramente para melhorar a vida terrena, material (profissional ou pessoal), mas para, essencialmente, melhorar a Vida do nosso Ser Imortal na conquista das qualidades ou virtudes que vibram em uníssono com a Lei de Deus.

Como continuar a ser o mesmo? Como não questionar as próprias prioridades do dia-a-dia após a leitura atenta em forma de estudo deste livro sublime? Como não despertar e querer saber mais sobre a Vida? Como não sentir mais intensamente as necessidades da alma, de se auto-realizar, de descobrir o caminho para a vivência da plenitude? Como não ter vontade de ser um verdadeiro Homem de Bem como Jesus nos ensinou?

Sem dúvida que se pode continuar a escolher viver no mundo que já nos é familiar. Vivemos habituados à vivência que se limita a constatar factos e a procurar as suas vantagens e desvantagens; à vivência do deslumbramento pela racionalidade técnico-científica; à escolha da banalidade, à apologia do óbvio que não exige nenhum esforço de compreensão. Mas isso chega para quem leu atentamente o Livro dos Espíritos? É suficiente para quem ambiciona ser um verdadeiro Homem de Bem?

*Grupo de Estudos Leão Pitta
Centro Cultural Espírita do Funchal*



NOTICIARIO DE AGOSTO



Quadros do dia 31/07 (CCEFunchal): Maluda, Henrique Franco, Cesariny; Vieira da Silva, Amadeo Sousa Cardoso, Almada, Frida Kahlo, V. Kamppuri

Dia 4: O presidente da ACBMI, dr. A. Pinho da Silva, palestrou na Associação Espírita Caminheiros do Amor, Braga. Apresentou a palestra musical “Nascer, morrer, renascer ainda, tal é a lei”.

Dia 6: Tivemos connosco João Xavier de Almeida, ex-presidente da FEP.

Criança da madrugada
Com tanta esperança enviada
Com tanto sonho a cumprir,
Mostra aos homens do teu povo
O caminho dum mundo novo
No futuro que há de vir.

Espalha por toda a Terra
A mensagem que se encerra
Na natureza a sorrir,
E escreve a letras d'ouro
Nos corações, qual tesouro
Que a todos cabe descobrir:
Se quereis dar paz à guerra
Deixai as armas florir.

Rosa Lobo

Jesus, figura sublime
Que luz irradiava,
Quem com ele se cruzou
Logo o amava.

Ser puro e belo
Que tanto nos ensinou...
E o homem com sua vaidade
Tanto o desprezou.

Foram tantos os ensinamentos,
Grandes e belas lições,
E nós, seres imperfeitos,
Fechamos os corações.

Ingratos com nosso Pai
Que seu Filho nos enviou,
Carregou tantos males
E o homem na cruz o pregou.

Emília Carvalho



*“Aos amigos e amigas
Deixo o meu sorriso,
Da juventude,
E a imagem final
Da passagem desta vida.
Levo-os, a todos, no meu coração.*

*Peregrina na estrada desta vida
Sigo ao encontro de uma nova aurora,
Tal como a andorinha,
Que em plena primavera,
Quer voltar ao mesmo ninho de outrora”*

Sofia Lago

*Partiu para a Pátria Espiritual
em 29.01.2007*

